

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE FANTASIA EM FREUD E MELANIE KLEIN¹

Waleska Pessato Farenzena Fochesatto²

O estudo dos principais conceitos kleinianos tem me proporcionado uma reflexão mais aprofundada acerca do entendimento da constituição psíquica, além de ampliar minha percepção (escuta) no exercício da clínica. Especialmente o conceito de fantasia tem me despertado interesse no decorrer deste semestre.

Segundo Roudinesco (1998), no *Dicionário de psicanálise*, o termo fantasia designa a vida imaginária do sujeito e a maneira como este representa para si mesmo sua história ou a história de suas origens.

Ao longo deste texto, pretendo explanar o entendimento de Freud e Melanie Klein acerca do termo ‘fantasia’, contextualizando-o de forma breve em suas respectivas obras.

Fantasia em Freud

Freud parece não ter desenvolvido o conceito de fantasia de forma muito aprofundada, utilizando o termo ‘fantasia’ em diversos contextos. Segundo Spillius (2007), suas ideias sobre fantasia estão espalhadas ao longo dos vinte anos de suas obras psicanalíticas e as hipóteses mais explícitas a este respeito encontram-se no artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* de 1911 e na Conferência XXIII das *Conferências introdutórias de psicanálise* de 1916-1917.

Na ocasião da apresentação da Conferência XXIII (1916), cujo título é *Os caminhos da formação do sintoma*, Freud apresenta seu ponto de vista na formação das neuroses, fazendo o seguinte apontamento:

Somos tentados a nos sentir ofendidos com o fato de o paciente haver tomado nosso tempo com histórias inventadas. [...] Quando apresenta o material que conduz desde os sintomas às situações de desejo modeladas em suas experiências infantis, ficamos em dúvida, no início, se estamos lidando com a realidade ou com fantasias (FREUD, 1916, p. 370).

No decorrer do texto, Freud conclui que o que realmente nos interessa na investigação da construção do sintoma é o fato das fantasias conterem realidade *psíquica* em contraste com o que chama de realidade *material* e que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva. Foi a partir desta descoberta que ele abandonou definitivamente a teoria da

¹ Trabalho apresentado em Jornada de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul em 19/11/2011.

² Psicóloga clínica, candidata a psicanalista pelo CPRS, mestre em Ciências da Saúde pela PUCRS.

sedução em prol de uma teoria da fantasia. Assim, fantasia passa a ser sinônimo de realidade psíquica e também objeto de investigação da análise. Segundo Spillius (2007), uma das primeiras descobertas de Freud foi de que no inconsciente não se distinguem lembranças de fantasias. Ainda segundo ela, em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* é onde ele chega mais perto de um conceito formal a respeito de fantasia, citando-a como a atividade de satisfação de desejo que surge quando um desejo instintivo é frustrado, ou seja, as fantasias derivam de impulsos inconscientes, os instintos básicos sexuais e agressivos.

Dessa forma, entende-se que na concepção freudiana, a fantasia é um recurso utilizado na satisfação parcial de um desejo inconsciente cuja satisfação foi frustrada. Isso nos remete ao exemplo do bebê faminto, que na ausência do leite, passa a chupar o dedo e alucinar ou fantasiar que está mamando. “A fantasia é o reino intermediário que se inseriu entre a vida segundo o princípio de prazer e a vida segundo o princípio de realidade” (FREUD apud NASIO, 1997).

Segundo Spillius (2007), em Freud, a ideia de fantasia, assim como o trabalho onírico, está intimamente relacionada ao desenvolvimento do modelo topográfico da mente, formado por sistema inconsciente, pré-consciente e consciente. Há duas lógicas de funcionamento da mente: processo primário e processo secundário. No primeiro, característico do sistema inconsciente, não existe contradição, não há negação do conflito e caracteriza-se por ser atemporal. O segundo Freud definiu como o pensamento racional da lógica comum, contendo os sistemas pré-consciente e consciente. Embora tenha pensado que algumas fantasias permaneçam inconscientes, situou a origem da maior parte delas nos sistemas conscientes e pré-conscientes, ou seja, entendeu as fantasias como fruto de processo secundário, as quais só posteriormente seriam reprimidas e funcionariam sob a lógica do processo primário, podendo encontrar caminho da sua expressão através de sonhos, sintomas, atos falhos.

Portanto, a ideia essencial do conceito de fantasia em Freud tem dois focos centrais: a noção de que ela se origina a partir do processo secundário e a noção de que ela nada mais é do que a expressão disfarçada da satisfação parcial de um desejo inconsciente que não pôde ser realizado.

Fantasia em Melanie Klein

Também no conceito de fantasia, ao que tudo indica, Melanie Klein foi além, ampliando-o no que se refere a sua utilização na clínica bem como a sua conceituação. Para

ela, a fantasia está presente na vida psíquica do sujeito desde muito cedo e se faz presente ainda que o mesmo não seja frustrado pela realidade. Ela desenvolveu esta noção ao longo do trabalho com crianças, descobrindo principalmente que as crianças fantasiavam constantemente, mesmo quando não são frustradas pela realidade externa. Spillius (2007) coloca que Melanie considera a fantasia como atividade mental básica, presente de forma rudimentar do nascimento em diante e essencial para o crescimento mental, embora possa ser utilizada de forma defensiva. Enquanto Freud ressalta o aspecto fictício da fantasia usado em grande escala para satisfação de um desejo, Melanie Klein enfatiza o aspecto imaginativo da mesma.

Klein via a fantasia inconsciente como sinônimo de pensamento e de sentimento inconsciente e que talvez tenha usado o termo “fantasia” em vez de “pensamento” porque os pensamentos dos pequenos pacientes eram mais imaginativos e menos racionais do que se supõe que seja o pensamento comum dos adultos (SPILLIUS, 2007, p. 186).

A partir desse apontamento da autora, parece claro que Melanie Klein entende que não é necessário que haja processo secundário para que exista fantasia, inclusive enfatizando que toda pessoa tem uma corrente contínua de fantasia inconsciente e que a ideia de normal ou patológico não reside na presença ou ausência de fantasia inconsciente, mas na maneira pela qual esta se expressa, se modifica e se relaciona com a realidade externa. Klein teve tamanha importância na formulação deste conceito que a Sociedade Britânica o transformou no tópico central das discussões, com o objetivo de discutir sua validade. Entretanto, segundo Spillius (2007), em 1948 e 1952, Susan Isaacs apresentou um artigo definitivo intitulado *A natureza e a função da fantasia*, onde faz uma associação entre o conceito de fantasia de Klein com o conceito de pulsão de Freud. Assim, ela definiu fantasia como ‘o conteúdo primário dos processos mentais inconscientes’, ou seja, ‘o representante psíquico do instinto’.

Por fim, de acordo com tudo o que foi colocado, parece que a fantasia ocupa um papel central na visão kleiniana, sendo utilizado até hoje pelos seus sucessores. Na visão kleiniana, as fantasias são tão importantes quanto era o desejo inconsciente para Freud. Para Klein, quanto mais primitivas e profundas, mais corporais são as fantasias, e só gradativamente, através da projeção e introjeção, algumas tomam a forma verbal.

Considerações finais

Ao longo da construção deste texto, pude perceber a importância das fantasias na construção do psiquismo e mesmo na manutenção da saúde mental. Como já foi colocado, as formulações de Klein acerca do conceito de fantasia parecem mais amplas do que as de Freud,

entretanto penso que em absoluto as descobertas de um invalidem as ideias de outro. Ambas as conceituações são fruto de trabalhos de pesquisa com públicos, contextos e tempos diferenciados. Cabe a nós, futuros psicanalistas, compreendermos a importância e as diferenças destas duas visões para podermos utilizá-las da melhor forma possível na nossa prática clínica, possibilitando um real entendimento das fantasias do paciente e suas repercussões na vida dele.

Encerro com a citação de Nasio, que, a meu ver, engloba o conceito de fantasia como realização de um desejo frustrado, sem deixar de considerar a dimensão imaginativa contida nele, enquanto um recurso que nos faz sonhar acordados, viajar sem sair do lugar, satisfazer desejos impossíveis.

O fenômeno da fantasia é um dos fenômenos mais espantosos da vida psíquica. Que é uma fantasia? É um pequeno romance de bolso que carregamos sempre conosco e que podemos abrir em qualquer lugar sem que ninguém veja nada nele, no trem, no café e o mais frequentemente em situações íntimas. Acontece às vezes de essa fábula interior tornar-se onipresente no nosso espírito e, sem nos darmos conta, interferir entre nós e nossa realidade imediata. Concluímos então que muita gente vive, ama, sofre e morre sem saber que um véu sempre deformou a realidade dos seus laços afetivos (NASIO, 1997, p. 9).

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. Conferência XXIII: Os caminhos da formação do sintoma (1916). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVI.
- NASIO, Juan-David. *A fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SPELLIUS, Elizabeth. *Uma visão da evolução clínica kleiniana: da antropologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.